

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3

Feminismos plurais, performances e performatividades

BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4

Práticas de cuidado e espiritualidade

TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

Transversalidades dissonantes

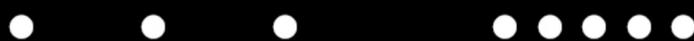
- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 6

transversalidades
DISSONANTES

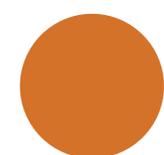


A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA

Janaína Maria Machado (UFBA)

__RESUMO

O presente artigo busca promover reflexões sobre a obra “Aparições” da artista sul-africana Lhola Amira circunscrita à investigação que abordo como construção da gramática negra corporal amplificada. Nela, considera-se os aspectos de produções de sentido a partir da experiência negra. Busca-se refletir a partir dessa poética-política, considerando que a experiência social afrodiaspórica deflagra e conforma complexidades que orientam e cercam questões sobre a aparição e a cura. O viés metodológico da reflexão parte da análise da obra e a articulação



dos conceitos de “corpo-testemunha”, proposto por Stênio Soares, e a noção de “política da transfiguração”, proposto nos estudos do atlântico negro por Paul Gilroy. Em suma, com essa reflexão, espera-se contribuir para um olhar mais amplo sobre os estudos das práticas artísticas da negritude.

__PALAVRAS-CHAVES

Gramática corporal; corpo-testemunha; enunciação; performance art.

A poética da aparição e cura: reflexões a partir da gramática negra corporal amplificada

Propor uma análise a partir de poéticas-políticas que contaminam os estudos da performance com o discurso de negritude, assinalando-a sob o escopo de uma gramática negra corporal amplificada, leva-me a retomar a definição de Machado (2020) que circunscreve a idéia de gramática negra corporal como o construto do corpo-político e discursivo-negro como estratégia de ação contra



hegemônica, responsiva e dialógica, considerando que esse corpo-político-discursivo constitui uma gramática corporal negra contestatória e responsiva. Para a autora, o corpo-político-discursivo negro revela a inscrição de um sujeito coletivo negro que traça uma gramática negra corporal, instaurando a coletividade de sujeitos que se situam e estabelecem relações dialógicas com outros sujeitos, discursos e memórias.

Neste sentido, parafraseando Machado (2020), a elaboração de uma gramática negra corporal revela-se como uma voz negra coletiva pós-colonial, dialógica, contestatória, marcadamente contra-hegemônica e dessilenciada, que performa vida e arte em atitude de responsividade histórica.

Dito isso, faz-se necessário abrir diálogo com a seguinte reflexão de Abdias do Nascimento (2016):

Não posso e não me interessa transcender a mim mesmo, como habitualmente os cientistas sociais declaram supostamente fazer em relação às suas investigações. Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertenço, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define. Situação que me envolve qual um cinturão histórico de onde não posso escapar conscientemente sem praticar a mentira, a traição, ou a distorção da minha personalidade. (2016.p.47).

Essa reflexão de Nascimento corrobora com a perspectiva que busco desenvolver neste texto, sobre a noção de uma gramática negra corporal amplificada que é expressão crítica e se constrói como inscrição de um corpo-epistêmico. Sendo assim, no campo da elaboração estética, essa noção não se ocupa de transcender os conhecimentos que a experiência social afrodiaspórica deflagra e informa.

Diana Taylor em “O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas (2013) situa a performance como espaço de produção de conhecimento, como um campo epistêmico. Para a autora, a prática incorporada, juntamente com outras práticas culturais associadas a elas, oferece um modo de conhecer. Essa apreensão implica pensarmos a questão da incorporação, com foco no corpo como fonte de transmissão do conhecimento, sendo assim, acrescento, como possibilidade interpretativa para a análise que se segue, a apreensão da inscrição do corpo negro no campo da performance, como um corpo que se faz conhecer.

Para enriquecer a análise faz-se necessário evocar a noção de roteiro que Diana Taylor apresenta esboçando interpretações sobre a performance colonial do descobrimento. Para Taylor a idéia de roteiro circunda a questão do ato de transferência que transporta aqueles que foram instituídos como “eles”, isto é, como o Outro, no caso da análise de



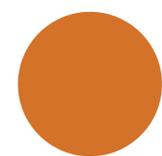
Taylor, este foco recai aos sujeitos ameríndios, mas em virtude de todo processo colonial é válido estender aos sujeitos africanos. Recorrendo aos termos de Grada Kilomba (2019), estes sujeitos foram inscritos como portadores da absoluta outridade em relação aos povos brancos. Entendido isso, Taylor apreende que esses roteiros coloniais performatizados em relação a estes Outros instituídos funcionaram para informar o campo de visão que alimenta nosso sistema econômico e legal de operações que pela sua recorrência performatiza uma naturalização que fantasia este Outro, o enclausura, o atualiza no presente como novo. De acordo com Taylor, o roteiro simultaneamente constrói o objeto selvagem e o sujeito que vê produzindo um “nós” e um “nosso” enquanto produz um “eles”. É neste sentido que dá para pensar, conforme Taylor que o roteiro enquanto sistema paradigmático de visibilidade, também assegura invisibilidade. Trazer essa reflexão de Diana Taylor para dialogar com a intervenção poética-política de Lhola Amira é uma maneira de inferir que a artista ao propor suas aparições promove uma quebra do roteiro colonial em relação aos modos inscritos de aparição do corpo negro, reencena outra inserção negra corporal, rompendo com os gestos esperados e molduras e estereotípias coloniais enclausurantes. Neste tipo de roteiro, o sujeito negro é marcadamente delimitado como



subalternizado por uma conformação esquematicamente epidérmica. Taylor, afirma que transmitir o roteiro como narrativa contribui para atenuar algumas das incongruências que necessariamente vêm a luz por meio da incorporação. Neste sentido, podemos dizer que os corpos de sujeitos negros tem sido sistematicamente narrados e negativamente hipervisibilizados . Na intervenção poético-política de Lhola Amira, a artista quebra e transgride com o pacto narrativo roteirizado sobre a presença negra em termos coloniais.

Para Taylor, no roteiro, o corpo tem espaço de manobra, pois não está dentro do script, já que eles exigem a incorporação. É neste sentido que busca-se focalizar a construção da gramática negra corporal amplificada a partir da poética-política de Lhola Amira como uma possibilidade de quebra de roteiro colonial que se apresenta em seus próprios termos de presença.

Em “Aparições”, trabalho da artista sul-africana Lhola Amira, participante da 33^a edição da Bienal de São Paulo, cujo tema foi “Afinidades Afetivas”, dentro da exposição coletiva “Sempre, Nunca”, assinada pela artista-curadora Wura-Natasha Ogunji, assinala-se que toda a ação performática evoca e convoca uma corporeidade negra e afro-indígena a compor a dimensão de uma existência pluralizada, potencializada pelas copresenças na ação, que se instituem como presenças de corpos engajados.



Lhola Amira propõe a dimensão da aparição como uma espécie de desdobramento e amplificação de um corpo negro coletivo crítico e epistêmico. Conformando a instauração de espaços e temporalidades complexadas pela presença de outros sujeitos, referente aos significados ritualístico e gestual que a sua ação artística aponta, no tocante à prática de cura coletiva em alusão a violência colonial que a artista vai mediando por meio do gesto do lava-pés. A intervenção de Lhola Amira deflagra uma experiência radicalizada pela vivência histórica-social de um corpo situado, neste caso, a inscrição do corpo negro. Conceitualmente, a artista trabalha com a noção de *aparición* para precisar o significado de agenciamento de sujeitos subalternizados. Vale ressaltar que a noção de *aparición* é elaborada no texto “A experiência vivida do negro” de Frantz Fanon (2008), em que o autor aponta que o negro é sobredeterminado pelo exterior, isto é, não é escravo da “ideia” que os outros fazem dele, mas da sua aparição.

Cabe mencionar que, nesta reflexão, situar a experiência afrodiaspórica pela chave crítica leva-me a evocar a observação de Achille Mbembe (2017) sobre a “poética da raça”. Para o autor, as comunidades cuja história foi sobretudo a do aviltamento e de humilhação, a criação religiosa e artística representaram, muitas vezes, a derradeira fortaleza contra as forças de desumanização e

de morte. Esta dupla criação marcou profundamente a práxis política. Nesse sentido, Lhola Amira em “Aparição” constrói uma gramática negra corporal crítica ao reposicionar o corpo negro e afro-indígena em seus próprios termos de presença e de possibilidades de processar a cura da ferida e do trauma colonial, elaborando uma amplificação do corpo negro pela chave da posição de sujeito e não mais na posição de um objeto em meio a outros objetos, como diria Frantz Fanon.

A respeito do trauma colonial, Grada Kilomba (2019) diz que o trauma de pessoas negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a barbaridade do mundo branco, que é a irracionalidade do racismo que coloca os sujeitos negros num estado de absoluta outridade, como diferente, incomum. Acrescentaria, que como um corpo emparedado sobre projeções brancas. Ainda, dialogando com Grada Kilomba (2019) e fazendo uma paráfrase de seu pensamento, faz-se necessário inferir a seguinte provocação elaborada no pensamento poético de Lhola Amira na intervenção poético-política “Aparições”, em quais termos o corpo negro pode aparecer e o que acontece quando ele aparece ?

Exposto essa provocação, diria que em ‘Aparições’ Amira propõe a possibilidade da existência e de relação legítima



do indivíduo negro com a sociedade e seus processos históricos numa dinâmica de radicalização relacional.

Em “Aparições”, Lhola Amira constrói poeticamente um espaço de imersão espiritual mediado pelo ritual do lava-pés de matriz afro-brasileira, utilizando velas, água, sal grosso para a lavagem dos pés dos participantes e também recorre ao uso do dispositivo comunicacional da diáspora negra, isto é, a música. Após a lavagem dos pés dos coparticipantes, feito pela artista, eles são deslocados para uma instalação musical com base de sal grosso, cercado por miçangas vermelhas para uma imersão ao som de uma canção entoada por Nina Simone.



Figura 1: Lhola Amira na instalação imersiva|Performance Aparições. Fotógrafo: Leo Eloy| Estúdio Garagem| Fundação Bienal de São Paulo

Pensar o lugar da música no mundo do Atlântico negro leva-nos a seguir as pistas de Paul Gilroy (2017), que a examina na experiência afrodiaspórica. O autor observa a autocompreensão articulada pelos músicos que a têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado por outros artistas e escritores e as relações sociais que têm produzido e reproduzido a cultura expressiva única, na qual a música constitui um elemento central e mesmo fundamental. Para Gilroy, o caráter oral das situações culturais nas quais se desenvolve a música da diáspora negra pressupõe uma relação distinta com o corpo. Neste ponto, ao considerar a intervenção de Lhola Amira ao propor a constituição de uma gramática negra corporal crítica amplificada, a música como elemento imersivo funciona como um dispositivo poderoso para produzir significados que evocam uma multiplicidade de corporalidades de engajamento crítico.



Figura 2: Lhola Amira lavando os pés de um participante|Performance Aparições.
Fotógrafo: Leo Eloy| Estúdio Garagem| Fundação Bienal de São Paulo.

Cabe explicitar que os mecanismos e os processos operantes na sintaxe poética proposta em “Aparições”, assim como o seu aspecto de amplitude formulado nessa gramática corporal se revela pelo viés da política da transfiguração. A esse respeito, aproximamos à contribuição de Paul Gilroy (2001):

Esta política enfatiza o surgimento de desejos utópicos, relações sociais e modos de associação qualitativamente novos no âmbito da comunidade racial de interpretação e resistências e também entre esse grupo e seus opressores do passado. Esta política aponta especificamente para a formação de uma comunidade de necessidades e solidariedade, que é magicamente tornada audível na música em si e palpável nas relações sociais de sua utilidade e reprodução culturais (GILROY, 2001, p 96).

Dito isso, pensar os mecanismos e os processos operantes nessa sintaxe poética é considerar a idéia de gramática negra corporal amplificada, tomando esse processo como um importante operador na constituição de sua intervenção poética. Lhola Amira recorre a uma reencenação crítica da memória da experiência social negra que é atravessada pelo terror da violência colonial e pós-colonial. A presentificação instaurada na sua intervenção poético-política opera o testemunho e o agenciamento de resistências negras coletivizadas. Neste sentido, o aspecto de amplificação formulado nessa gramática negra corporal

é mediado pela corporização da fisicalidade presente na cena performática que atravessa a experiência de uma coletividade marcada pelos processos históricos e sociais.

Estabelecendo um diálogo entre Frantz Fanon e Paul Gilroy sobre o terror da violência racial, tema este que se faz presente nessas intervenções poéticas, diríamos que a violência perpetrada ao esquema corporal negro desmorona e cede lugar ao esquema epidérmico racial. Pensar na elaboração de uma gramática negra corporal amplificada e que apresenta a possibilidade de respostas a esse esquema epidérmico racial exposto a toda sorte de desumanização e violência, é ater-se ao seu aspecto crítico em termos de possibilidades de reelaborações poéticas, que põem em cena a perspectiva de uma gramática crítica corporal, mediada pela ação e resistência coletivizada. Retomando Paul Gilroy, esses traços residuais, ainda que dolorosos, contribuem para memórias históricas inscritas e incorporadas no cerne volátil da criação cultural afro-atlântica.

Contudo, a intervenção poética “Aparições” de Lhola Amira constrói uma gramática negra corporal amplificada por meio da cena performática como expressões de um corpo-testemunha, que nos termos de Stênio Soares (2020), compreende-se que:



Essas expressões poéticas são formas de resistência do artista negro e se instauram como depoimentos, no sentido de apresentar elementos, argumentos ou indícios de uma experiência. Ao depor sobre o fenômeno vivido, a linguagem se manifesta como um testemunho do próprio artista negro como um sujeito social, e sua linguagem é um comprometimento do seu corpo. Essas criações se apresentam como depoimentos do corpo-testemunha e, portanto, elas são formas de conhecimento e formas de empoderamento dos artistas negros, que comprometem e empregam, a partir do seu próprio corpo, as impressões coletivas sob um ponto de vista da experiência vivida por si (SOARES, 2020).

Partindo da descrição de Soares, pode-se dizer que em “Aparições” a construção de uma gramática negra corporal amplificada sustenta-se por uma poética da presença da negritude em que a ação performática ativada em sua proposta poética é mediada pela ritualística afro-brasileira que dispara a reencenação que depõe e testemunha a experiência afro-diaspórica a partir do próprio corpo negro como um corpo-epistêmico e crítico.

__REFERÊNCIAS

FANON. Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

KILOMBA. Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MACHADO. Janaína. **Ações performáticas negras: a Gramática Corporal Negra Contestatória como ferramenta contra hegemônica**. Caminhos da pesquisa em Artes Cênicas. EDUFU. Uberlândia.v.7.n 1.jan-jun.2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55518/29276>

MBEMBE. Achille. **Crítica da Razão negra**. 2 ed. Editora Antígona, Lisboa. 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas. 2016.

SOARES. Stênio José Paulino. **As Poéticas da Negritude e as Encruzilhadas Identitárias: uma abordagem a partir da noção de corpo-testemunha**. Revista Rascunhos – Caminhos da pesquisa em Artes Cênicas-EDUFU. Uberlândia.v.7.n 1.jan-jun.2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55518/29276>



TAYLOR. Diana .**O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas.** Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG.2013.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

